



PENSAMENTO CRÍTICO

# **Os boêmios cívicos**

## **A Assessoria econômico-política de Vargas (1951-54)**

# Apresentação

“Vocês são uns Boêmios Cívicos!” Foi a afirmação de Getúlio Vargas, que no Palácio do Catete observava regularmente uma luz acesa numa das salas do primeiro piso do palácio, a altas horas da noite. Certa feita, curioso, desceu as escadas do palácio e, abrindo a porta da sala, ali encontrou a sua Assessoria Econômica trabalhando em plena madrugada.

Este projeto, cuja parte analítica agora se transforma em livro, foi apresentado ao Centro Internacional Celso Furtado com o título mais acadêmico de “Razão pragmática e utopia do desenvolvimento: estrategistas da industrialização brasileira – os *Boêmios Cívicos*: contribuições de Rômulo Almeida, Cleantho de Paiva Leite, Jesus Soares Pereira e Ignácio Rangel”.

O objetivo maior desta iniciativa foi inaugurar no Centro uma série de monografias sobre profissionais, intelectuais vinculados ao Estado e que, por muitas razões, não puderam se dedicar a elaborar em maior detalhe o seu pensamento, que ficava registrado, sobretudo, em projetos, discursos e iniciativas governamentais, mas que aportaram uma imensa contribuição à construção do Estado brasileiro moderno. Tal não foi o caso de Ignácio Rangel, que deixou uma obra acadêmica, mas, sobretudo aqui, de Rômulo Almeida, Cleantho de Paiva Leite e Jesus Soares Pereira, artífices de instituições fundamentais como a Petrobras, a Eletrobras, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico.

Tendo sido o projeto aprovado pelo Banco do Nordeste, por iniciativa de Pedro de Souza, reuni então um grupo de alunos de mestrado que estava sob minha orientação junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e do Desenvolvimento – D&R, no departamento de Ciência

Política da UFPE. Definimos o escopo da pesquisa, os primeiros passos e, principalmente, levantamos uma literatura básica sobre o período. Iniciamos também uma coleta de informações primárias nos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco: nos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Comércio*. Em São Paulo inventariamos o *Estado de S. Paulo*, tarefa cumprida exemplarmente pela bibliotecária Chris Chiapetta, que também deu coerência e organização à massa de dados coletados.

Visitamos a Biblioteca do Banco do Nordeste, em Fortaleza, onde obtivemos documentos valiosos, sobretudo para a figura de Rômulo Almeida; visitamos também o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, onde colhemos os depoimentos de Rômulo Almeida e Cleantho de Paiva Leite. Infelizmente, mesmo considerando a importância de Jesus Soares Pereira, não havia nenhuma entrevista no CPDOC com ele. Dada a limitação de tempo, não foi possível fazer a varredura completa de jornais na Bahia e Paraíba, apenas buscando o que aparecia em maior evidência nestes jornais sobre o período e os personagens tratados. Realizamos ainda uma seleção de iconografia pertinente, mas consideramos que há muito mais a ser pesquisado. Toda a documentação levantada está a disposição dos pesquisadores na Biblioteca do Centro Internacional Celso Furtado.

Na composição deste livro, incorporamos algumas contribuições importantes, como as dos economistas Pedro Cezar Dutra Fonseca e Fernando Pedrão, a do cientista político Maurício F. Silva, e a do internacionalista Diego Santos Vieira de Jesus, quatro estudiosos do período, que prontamente se colocaram à disposição do projeto, bem como a de dois pesquisadores estrangeiros, interessados no período e na figura de Vargas: o meu aluno de pós-graduação Fabian Ouwehand, em curso que ofereci sobre o Brasil na Universidade de Leiden em 2011, e o meu colega indiano Suranjit Kumar Saha, da Universidade de Wales-Swansea, apaixonado pelo Brasil e que em Gales discute o nosso país em suas dimensões políticas e econômicas.

Um agradecimento especial ao ex-ministro Waldir Pires pela entrevista que nos concedeu em Salvador, bem como a Rosa Freire d'Aguar

que, com todo o cuidado que lhe é característico, leu e fez sugestões para o aperfeiçoamento dos artigos aqui apresentados.

Concluo dizendo, digo, sobretudo às novas gerações, que não se pode construir um país socialmente mais justo e com capacidade de ser sujeito de seu próprio destino, e com uma democracia que seja de fato emancipatória, se não conhecemos nossa História, se não nos tornamos criadores de nossa própria modernidade. Este livro busca ser uma contribuição nesta direção.

MARCOS COSTA LIMA